

## **Aportes del pensamiento pedagógico de Maria Teresa Nidelcoff**

*Meira Chaves Pereira*

*Doutoranda em Educação*

*Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho"*

*Rio Claro/SP-Brasil.*

*meira.chaves@gmail.com*

**Recibido:** 4/12/2016 **Aceptado:** 8/02/2017

### **Resumen**

Se presenta el resultado de una investigación exploratoria sobre la vida y contribuciones de la educadora argentina María Teresa Nidelcoff para el pensamiento pedagógico contemporáneo. Se utilizó como eje metodológico un recorte de la investigación bibliográfica en tres obras del autor (Nidelcoff, 1981, 1987a, 1987b), analizando los postulados sobre la escuela y la comprensión de la realidad en la búsqueda del cambio de actitud de la Profesores y de la escuela. Como una de sus agencias de formación, sus solicitudes y referencias para superar desequilibrios locales y estructurales. El papel del profesor como mediador de un proceso educativo en el contexto del conflicto social es una segunda sección de discusión del texto. Y finalmente, se tratan los puntos principales del pensamiento educativo de María Teresa Nidelcoff. Como intelectual y educativo, los supuestos de Nidelcoff son recurrentes ante los problemas sociales y educativos de la escuela contemporánea.

**Palabras clave:** Pensamiento pedagógico, educación para el pueblo, profesor mediador, María Teresa Nidelcoff.

### **Contributions of the thought teaching of Maria Teresa Nidelcoff**

#### **Abstract**

The result of an exploratory research on the life and contributions of Argentine educator Maria Teresa Nidelcoff for contemporary pedagogical thought is presented. It was used as methodological axis a clipping of bibliographical research in three works of the author (Nidelcoff, 1981, 1987a, 1987b), analyzing the postulates about the school and the understanding of the reality in the search for the change of the attitude of the teachers and of the school As one of its training agencies, its requests and referrals for overcoming local and structural imbalances. The role of the teacher as mediator of an educational process in the context of social conflict is a second section of discussion of the text. And finally, the main points of Maria Teresa Nidelcoff's educational thinking are dealt with. As intellectual and educative, Nidelcoff's assumptions are recurrent in the face of the social and educational issues of the contemporary school.

**Key words:** Pedagogical thinking, education for the people, mediating teacher, Maria Teresa Nidelcoff.

## **Contribuições do pensamento pedagógico de Maria Teresa Nidelcoff**

### **Resumo**

Apresenta-se o resultado de uma pesquisa exploratória sobre a vida e contribuições da educadora argentina Maria Teresa Nidelcoff para o pensamento pedagógico contemporâneo. Utilizou-se como eixo metodológico um recorte de pesquisa bibliográfica em três obras da autora (Nidelcoff, 1981, 1987a, 1987b), analisando-se os postulados sobre a escola e a compreensão da realidade na busca pela mudança de atitude dos professores e da escola como uma de suas agências de formação, suas solicitações e encaminhamentos para a superação dos desequilíbrios locais e estruturais. O papel do professor como mediador de um processo educacional no contexto do conflito social é uma segunda seção de discussão do texto. E, finalmente, são tratados os principais pontos do pensamento educacional de Maria Teresa Nidelcoff. Como intelectual e educadora os pressupostos de Nidelcoff são de natureza recorrente frente às questões sociais e educacionais da escola contemporânea.

**Palavras-chave:** pensamento pedagógico, educação para o povo, professor mediador, Maria Teresa Nidelcoff.

### **Introdução**

Maria Teresa Nidelcoff, educadora argentina formada em História pela Faculdade de Filosofia de Rosário, município de Santa Fé na Argentina. Atuou como professora do curso primário, secundário e superior. Atuou também na Espanha no ensino primário, na atualidade é professora numa escola técnica em Madri. Publicou pela editora Brasiliense as obras: “*As ciências sociais na escola*”; “*A escola e a compreensão da realidade*” e “*Uma escola para o povo*”.

Nidelcoff trabalhou nos bairros operários de Buenos Aires onde desenvolveu atividades pedagógicas a partir das práticas e realidade com crianças da menos favorecidas. Seus escritos propõe a formação de educadores engajados, como a mesma denominava de “professores povo”, em contrapartida à sua formação tradicional, e ao educador da classe dominante que os caracterizava como “professor policial”. Os professores em seu ponto de vista constituem-se elementos de mudança numa sociedade em que a preocupação é centrada em manter as coisas como estão (Gadotti, 1998).

A mudança de atitude dos professores e da escola como uma de suas agências de formação deveria compreender a realidade local, suas solicitações e encaminhamentos para a sua superação. Para Nidelcoff a “escola real” centrada nas experiências pedagógicas dos estudantes não é posta como pauta de formação de currículos por meio das políticas públicas, exatamente por essa lacuna, observa a autora, isso não é motivo para somente esperar uma tipologia de escola ideal, visto que quando forjada por perspectivas ilegítimas, não irá contemplar o necessário educacional para o povo.

Nesse sentido, não um ideal que reduza o conhecimento historicamente produzido, relativizando a sua contribuição à formação dos estudantes e futuras gerações, entretanto, um que contextualize a finalidade da escola com a vida material e as condições da existência humanas que se dão de forma sempre conflitivas, visto que tensionadas por diversos interesses, podendo apresentar pontos de inflexão. Esses pontos devem sim ser discutidos na escola permitida pelas autoridades, escola que tem em seu núcleo um saber teórico e uma didática rançosa que a tornam não atrativa, mais uma escola para a elite do que para o povo. O professor ocupa o papel de provocador para a mudança de uma escola diferente, ou seja, ao não se conformar com o engessamento histórico da instituição escolar; sua atitude, sua didática, seus projetos e articulação coletiva devem primar pela construção de uma cidadania como valor ético-político.

O presente texto tem por objetivo discutir as principais contribuições dessa educadora argentina, como pistas para se pensar uma outra escola. Uma escola centrada num mundo que precisa ser (re) descoberto e questionado constantemente, que transforme o homem, o professor e o sentido de formação e a formação do sentido da práxis cidadã.

### **A Escola e a Compreensão da Realidade**

As ideias de Nidelcoff surgem a partir da constatação de que a escola não pode estar alienada do seu processo de construção, conseqüentemente a compreensão de sua realidade é ponto de origem para se delinear a sua estrutura transformativa e do meio em que está inserida. Na obra “uma escola para o povo” Maria Teresa Nidelcoff apresenta uma reflexão acerca do professor e da escola, sua obra apresenta um panorama da educação na Argentina.

Nidelcoff (1981, 1987b) argumenta que não se pode ficar de fora agindo ou, noutra postura, demonstrando indiferença; encolhendo os ombros, pois, nos dois casos se constrói uma tipologia de escola, isto é, agindo se criará uma escola na qual se acredita, ao encolher os ombros deixaremos que os outros mantenham as escolhas a partir de seus ideais. Ora, no primeiro caso é necessária uma reflexão primeiro da educação que recebemos para ousarmos o enfrentamento do segundo caso, que o mais comum. Tomar a escola em suas mãos, no objetivo de lhe dar sentido e lhe conferir a responsabilidade de desencadear processos críticos não somente da compreensão da realidade, mas da reunião de instrumentos e condições para a concretização de uma realidade pretendida, que liberte os sujeitos.

O caminho para tal compreensão e vivência dessa construção não é objeto de outorga ou boa vontade somente de alguns líderes, mas passando pelas políticas públicas, por meio de seus representantes orgânicos, certamente terá maior força nas unidades escolares. Mas ainda assim, no processo de lentidão para a concretização dessa tipologia de escola, caberá ao coletivo escolar reunir alguns eixos de leitura de suas próprias demandas, os quais se destaca: ensinar estudantes e educadores a aprender a ver e analisar a realidade; desencadear-lhes atitudes de curiosidade e vontade de querer ser respeitados em sua condição de cidadãos e dignidade e fomentar espaços de observações e encaminhamentos críticos.

Quando os cidadãos que compõem a escola (professores, estudantes, direção, pais e comunidade externa) aprender a ver e analisar a realidade, exercitam possibilidades de alçar trajetórias de qualidade e projeto de escola para além do óbvio. O óbvio é o dado, é o planejado e delineado “para” e isso é o elaborado pela escola tradicional; a visão e análise sobre a escola transformadora caracteriza-se pela tomada do caminho e construção do destino. Ora, nesse sentido estão implicados a tipologia de escola que se pretende, a tipologia de sociedade que se tem e que se quer problematizada, as demandas do local, do regional, do nacional e ações possíveis para o enfrentamento de suas demandas.

A realidade das demandas da escola e da sociedade não pode desconsiderar em sua finalidade o desenvolvimento de atitudes não somente de curiosidade, mas a partir delas, aprimorar os processos formativos de descoberta, quer dos conhecimentos científicos historicamente situados, como de uma postura politizada, sem partidarismos reducionistas de seu próprio real. Assim estudantes, professores e escola como instituição poderão reunir consistentes condições para uma educação popular propriamente dita, respeitados os eixos de cidadania e dignidade dos seres humanas em construção.

Os encaminhamentos críticos e produções de existência numa escola que exerce a compreensão de sua realidade, conforme Nidelcoff (1987b), acontecerão à medida que o diálogo, os propósitos de formação dos sujeitos e finalidades da escola ficam claros para a sua coletividade. A consciência de onde se está, de quem se é, do que se pretende e de quais transformações se falam e se pretendem são pontos recorrentes de uma escola que entende o seu papel de transformação social.

### **Do Professor Tradicional ao Professor do Povo**

Na percepção de Nidelcoff (1981, 1987a, 1987b) o professor pode ser caracterizado de duas maneiras, pelo menos, a saber: o “professor policial” e o “professor do povo”. O professor policial age como um confirmador das ideologias do estado; de modo prático, como aquele que utiliza o livro didático a bem da formalização de uma escola com os valores da escola tradicional erigida pelas elites, ou seja, expõe a história a partir da concepção do estado. Portanto, o “professor policial” tem o livro didático como verdade que deve ser veiculada e confirmado no trabalho pedagógico desenvolvido e transmitidos aos estudantes, assim textos parciais a favor de ideologias ou posturas a favor dos mais favorecidos tomam o espaço da história real, deflagrando o sentido de sua imobilidade, por outro lado as camadas menos favorecidas são desprestigiadas, marginalizadas, uma vez que destituídos de pensar uma outra realidade. Nessa escola, o professor policial é o detentor do conhecimento, conseqüentemente, o aluno é percebido como uma tabula rasa e são desconsiderados os seus conhecimentos e opiniões.

O professor do povo, por outro lado, sem se deter na ideia de posturas salvacionistas, se enxerga como provocador, é crítico, autônomo, busca despertar no aluno um meio de perceber a sociedade como um todo e assume essa postura como dimensão integrante de sua prática. O seu diálogo, a bagagem teórica e de reflexão social, trazem como problematizações o mundo e a realidade em seu processo de contradição, entretanto, não como ponto resolvido, mas como ponto que pode ser tirado de seu equilíbrio não natural, isto é, forjado de acordo com interesses hegemônicos. A atitude e postura do professor do povo, não é e nunca deveria ser ou se tornar, objeto de militância da política partidária, mas fruto das mobilizações cidadãs, a partir da própria escola. Se o partidarismo for o condicionante das transformações, a escolar perderá a sua possibilidade de contestação e construção de sua própria história. O professor que sabe e entende esse encaminhamento, considerará o como alguém para trocar conhecimentos aprender e ensinar.

Nidelcoff adverte os “professores policiais” cuja prática se assemelha ao autoritarismo, o silêncio absoluto, a disciplina e a repressão dos corpos, exigindo que todos permaneçam sentados, agindo o professor como o dono da verdade. Se a escola não está adequada ou não foi desenhada para fazer frente aos desafios das crianças e jovens que solicitam uma educação

significativa; é tempo de se construir espaços, posturas de curiosidade, professores que entendam a tensão marcada pelas lacunas da escola e atuantes para sua profunda mudança.

A postura do professor que aprende a ver; quanto a divisão social de classes, poder econômicos e correspondentes desigualdades sociais de seus alunos e comunidade está exercendo uma leitura de mundo e não deve deixar de se posicionar na busca e materialização de sua dignidade. Por exemplo, um aluno menos favorecido por vezes não possui saneamento básico, não há livros, deste modo a escola é um lugar diferente da sua realidade. Logo, tem-se duas realidades distintas, e como o professor percebe essas realidades? Como trabalhar de modo que contemple as especificidades de cada aluno? Enfim, Nidelcoff propõe uma reflexão sobre a postura desse professor resultando numa aprendizagem totalmente diferente, visto que age problematizando a totalidade do seu real.

### **Pontos Centrais do Pensamento Pedagógico de Maria Teresa Nidelcoff**

Maria Teresa Nidelcoff acredita que a concepção de sociedade e as relações humanas se concretizam por omissão ou ação. Quando nossas ideias são explícitas, de certo modo isso traz vivacidade a sociedade. Este ato, segundo Nidelcoff é uma atitude honrosa de respeito para com aluno, e isso propicia a criação de um ambiente possível a pluralidade de ideias. Dentre suas concepções destacamos alguns pontos expostos por Moacir Gadotti (1998):

1. Antes de sermos professores, somos pessoas logo, faz-se necessário um regaste de ideias. Nidelcoff supõe que somente um ser vivo pode ser professor, pode se apropriar da docência, logo, alimentar nossa chama é algo essencial.
2. A comunicação e seus elementos afetivos devem ser valorizados, e nosso trabalho deve ser centrado neste ponto: eu, eles, eles e eu. Se há algo, um método ou avaliação que impera como obstáculo na relação com os alunos, este deve ser evitado. É necessário haver uma escuta atenta aos alunos. A busca pela comunicação individual é o caminho. A correção dos trabalhos individualmente, ensiná-los a trabalhar, desenvolver atividades partindo da relação com o grupo, desenvolver estratégias que contemplem a participação dos alunos. É notável que há um descontentamento acerca da quantidade de alunos por sala, “quando as autoridades educacionais nos enchem a sala com uma multidão de meninos, é porque continuam confundindo o professor com o conferencista (que além do mais, deve cuidar do comportamento se seu público” (Idem, p. 221).

3. Estabelecer boas relações com os alunos é outro tema apontado por Nidelcoff. Segundo a educadora é necessário gostar dos alunos: O que faz entre eles? Nenhum método pode ser eficiente se há aversão do professor para com o aluno, e essa relação se torna recíproca. A carência de afeto apontada por Nidelcoff é mais notável no ensino secundário, visto que a relação com os adolescentes apresenta um pouco mais de desgaste, pois aparenta ser menos gratificante que as relações com as crianças.
4. Ter consciência da situação atual, ter clareza dos fatos, ter conhecimento dos fatos da atualidade, ter consciência das situações do cotidiano e injustiça social e a desigualdade de condições de acesso de alguns. Partindo do pressuposto que somos profissionais, educadores atuantes nas escolas, não podemos ser neutros, é necessário posicionar-se perante os fatos. A forma como de organizar o nosso trabalho e os conhecimentos selecionados podem ou não ajudar a manter a ignorância, a derrota, o aceite a desigualdade ou formando indivíduos informados, críticos que lutem com desejo de transformar a sua realidade.
5. Pensar nas questões sociais como a paz por exemplo: O que é? O que atenta com ela? Como se constrói? Atentar-se não somente para uma visão espiritualizada para a paz e sim conscientizar-se de suas causas como as guerras, injustiças, armamentismos. No mesmo sentido pode-se pensar sobre o meio ambiente, a princípio é necessário cuidar dos pequenos ambientes, como o meio em que vive, ou seja, o seu próprio ambiente e assim partir para o macro, pensar sobre as reivindicações dos ecologistas, os problemas de destruição do meio ambiente. Há que se criar condições para que esse aluno possa pensar, expressar-se e criar ideias. Sobre a justiça, auxiliá-los a terem consciência do certo e errado, na vida em sociedade não deixar a margem discussões de assuntos relevantes como: partilha de bens e das oportunidades, a política, às relações internacionais. No entanto, para que o senso de justiça seja formado, é necessário que o professor ofereça e tenha no seu cotidiano práticas que fortaleça o pensamento desse aluno, como auxiliá-los em questões corriqueiras, explicar sobre a sua forma de trabalho, procurar maneiras em que o aluno possa se expressar.

6. Ser atentos às questões acerca da mulher e os questionamentos da classe. Sobre a situação da mulher em distintas épocas, motivar o debate essa questão, evitar a reprodução de estereótipos acerca da mulher, como atividades de arrumar a sala de aula, costurar, entre outras ações consideradas femininas. Ajudá-los a identificar nos materiais impressos, como livros didáticos, revistas e publicidades o que se transmite acerca da mulher, incentivar a ocupação de espaços pelas meninas, espaços estes que antes lhes eram vedados.
7. Os direitos humanos, também surge como tema orientador da prática docente. Este é apontado por Nidelcoff como um “compromisso solidário pela defesa da dignidade do homem em qualquer regime” (Idem, p. 222). Enfim, esta premissa se encaixa as nossas responsabilidades da área. É valoroso que os alunos compreendam as principais declarações de direitos humanos, direitos da criança, que possam realizar as suas próprias, praticando-as, e que pesquisem na sua realidade como: vida cotidiana, bairro, escola, saúde, e vejam os casos de não cumprimento e que possam levar estes para discussões e debates em sala de aula, e logo, se criar um ambiente de conscientização acerca dos “direitos”.
8. Criatividade e atitude de inquietação são pontos destacados por Nidelcoff como necessários para uma boa formação. Como professor é fundamental fazer-lhes propostas, dar pistas, propor ideias e assim incentivá-los a caminhar. Inserir-los nos mais diversos meios de expressão. Para a educadora, é lastimoso observar que ensino secundário, tudo se reduz a expressão oral escrita. Ainda assim, argumenta que quando se pensa em criatividade não se desconsidera as outras atividades como reforço por exemplo, que são necessários a aquisição de técnicas e procedimentos, mas, deve haver um equilíbrio entre criatividade e disciplina, e a partir destes, organizar o nosso trabalho como professor.
9. O aspecto lúdico deve ser valorizado de forma satisfatória. Por vezes, na ânsia de proporcionar aos alunos a descoberta de situações e análise da realidade, destacamos o que é severo, duro e criticável, e desconsiderando o prazeroso, o divertido, a ludicidade como parte de um dos temas de trabalho. Deste modo, devemos ter cautela para que a história das estruturas não seja compreendida como algo frio, sem vida. Da mesma forma, não devemos na ansiedade do cotidiano,



explicar-lhes tudo, ou “dar” respostas prontas, e assim a aceitação deles, os fariam incapazes de buscar e aguçar as curiosidades, logo, descobrir sozinhos respostas às suas indagações.

10. É necessário ter a consciência de que a escola não se limita a descoberta “daquilo que está fora de nós - o país, o meio, a classe, etc.-, mas que também deve assumir o descobrimento de si mesmo, do próprio corpo, das próprias sensações, dos próprios, pensamentos, afetos e questionamentos” (Idem, p. 223). Não devemos desaprender, que somos seres históricos, logo, a maneira como percebemos o corpo sob distintos aspectos, variam conforme o tempo, e não apresentam rupturas, sempre há a possibilidade de inserir novos aspectos e momentos.
11. Propiciar um ambiente tranquilo e de respeito que possa ajudar o aluno a aflorar e desenvolver a pluralidade nesse espaço. Para que isso aconteça o professor deve se precaver para que não haja autoritarismo duro ou progressista moderado, que por hora advém de formação ou de rotina. Como parte do grupo, temos o direito de opinar, expressar ideias, mas, de modo que os alunos a percebam que elas são somente ideias expostas, logo, sem pretensão que estes as assumam como verdades absolutas, mas, que saibam percorrer seus próprios caminhos e suas próprias descobertas.
12. Para Nidelcoff partir do que é imediato, partir de sua vivência. Ter como princípio o que lhe é conhecido, e assim descobrir a sua realidade, o que lhe é habitual, e assim ajudá-los a descobrir como a sua realidade pode ser rica e proporciona muitas dúvidas e conhecimentos. Devemos conectar os alunos ao retorno à vida cotidiana e não os afastar da realidade, e isso ocorre por meio de distintas formas: “através da relação causa-efeito ou através da comparação, procurando semelhanças ou contrastes, sobrevivências ou grandes mudanças de certas formas sociais” (Idem, p. 223).
13. Junto aos alunos aprender a ser livres e prezar pela liberdade, desvendar a sua anulação. Por outro, lado aprende -se também a perceber a “contradição entre as liberdades individuais e a disciplina que a vida em grupo e a aprendizagem mais ou menos ordenada de uma ciência supõem lembrando que a ordem é um meio e não um fim em si mesmo” (Idem, p. 223). Pode-se ampliar o campo de escolha e de

possibilidades, e essas normas planejadas democraticamente devem ser exigidos a responsabilidade da sua realização.

Por último a responsabilidade dos educadores, que segundo Nidelcoff careceria de ser uma outra norma orientadora de sua didática. Ser verdadeiramente responsável parte do pressuposto de participação, de escolha, de decisão. Deste modo, as obrigações poderiam ser desenvolvidas. A elaboração de uma didática ativa segundo a autora, com base no princípio de que os alunos aprendem por meio de sua atividade ativa. Que o aprendizado brote de sua criatividade, que não se restrinja a reproduzir ideias prontas ou outras vivências.

Sendo assim, pensar numa educação que propicie uma visão crítica da sociedade é dos uns pilares centrais das ideias de Nidelcoff. Assim como ajudar o aluno a desenvolver-se modo autônomo e crítico acerca das temáticas atuais; da essência do ser professor; a comunicação e seus componentes efetivos; a afetividade como forma de aproximação do aluno; a conscientização acerca dos conflitos sociais; o meio ambiente e a justiça social; os direitos humanos; a inquietação e criatividade como forma de ampliar o conhecimento e descobertas; a importância do lúdico na dinâmica da aprendizagem; não limitar o aprendizado do que está fora, e sim a partir de vivências reais; propiciar um ambiente acolhedor que propicie o desenvolvimento da pluralidade na sua classe, propiciar a aprendizagem por meio do conhecimento imediato dos alunos; valorizar a liberdade em suas distintas formas.

### **Considerações Finais**

As ideias e pensamentos de Nidelcoff acerca da escola se mostram bem atuais e semelhantes à realidade da escola brasileira e mundial. A luta por uma escola que perceba o aluno como sujeito histórico e que, portanto, traz consigo uma bagagem de experiências e conhecimentos não deve ser objeto de marginalização quanto à constituição de seus currículos e procedimentais, mas avançando, como oportunidade de transformação da própria sociedade e da tipologia de um sujeito crítico a ser formado. Dito de outra forma, o “professor-povo”, ou seja, aquele que incentiva a participação, a criticidade e a percepção da sociedade como um todo não deve é produto de uma formação inicial e continuada simplesmente, mas resultado do grau do seu comprometimento com a vida social da escola: estudantes, pais e demais educadores.

O pensamento de Lima (2016) traz uma síntese do que poderia se constituir uma educação transformadora, aproximando-se das ideias pedagógicas de Nidelcoff: “Essa

formação confere aos homens e mulheres um caráter emancipatório do exercício de sua cidadania que, por sua vez, tem na educação um dos instrumentos que possibilita a análise das construções históricas, políticas, sociais e culturais que devem ser contextualizadas, respeitadas e defendidas sempre, em especial, quando a negação ideologizante tenta fragmentar sua visão do mundo e do homem e reduzir a essência da democracia.”

As condições objetivas e subjetivas que refletem a realidade escolar não podem, nem devem ser dissociadas das problematizações que a escola precisa realizar na busca por uma educação de qualidade e de uma educação emancipadora. Não há, em Nidelcoff, como reduzir a escola necessária e que fará diferença na vida do povo se esse mesmo povo não for respeitado em sua singularidade. O seu chamado para educadores e educadoras não é o de simplesmente se discutir que caminho seria melhor para a educação, mas, durante o caminhar estabelecer a forma de caminhar, as prioridades lidas em cada realidade local, regional e nacional para se pensar uma escola diferente e acompanhado desse pensar vem o planejamento de ações concretas que externem as prioridades listadas.

### **Referências Bibliográficas**

- Gadotti, M. (1998). *História das Ideias Pedagógicas*. São Paulo: Ática.
- Lima, P.G. (2016). *A diversidade nas políticas educacionais no Brasil*. Mimeo. Sorocaba: Universidade Federal de São Carlos.
- Nidelcoff, M. T. (1987a). *As ciências sociais na escola*. São Paulo, Brasiliense.
- Nidelcoff, M. T. A (1987b). *A escola e a compreensão da realidade*. São Paulo: Brasiliense.
- Nidelcoff, M. T. (1981). *Uma escola para o povo*. São Paulo, Brasiliense.

**Autora:**  
**Meira Chaves Pereira**  
*Doutoranda em Educação*  
*Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho"*  
*Rio Claro/SP-Brasil.*  
*meira.chaves@gmail.com*